

AMBIGUIDADES NA SINTAXE GREGA DAS COMPLETIVAS DE εἰ E ὅπως

A análise que propomos para a compreensão das orações completivas conjuncionais partiu de dúvidas colocadas pelos alunos numa aula de língua grega. O objecto do nosso estudo serão os verbos que exprimem sentimento (θαυμάζω, ἀγανακτέω), por um lado, e os que exprimem preocupação, esforço, exortação (μέλω, πράσσω, παρακελεύω), por outro, acompanhados das conjunções εἰ e ὅπως, respectivamente. A forma ambígua, incompleta e discordante como as gramáticas e os manuais de sintaxe apresentam os primeiros e as dificuldades sentidas pelos alunos na interpretação dos segundos levaram-nos a fazer esta reflexão.

Diz Humbert no primeiro parágrafo em que introduz as orações completivas:

“Aussi bien, des conjonctions qui sont le plus souvent affectées à l’expression de la finalité ou de l’hypothèse, comme ὅπως et εἰ, peuvent introduire une complétive, à condition que l’équivalence fondamentale soit assurée: τὸν ποιμένα δεῖ ἐπιμελεῖσθαι ὅπως αἱ οἰεὶ τὰ ἐπιτήδεια ἔξουσι ‘le berger doit veiller à ce que ses brebis aient ce qui leur est nécessaire’ pourrait être remplacé par: ‘doit veiller *aux besoins nécessaires* du troupeau’, de même que ἀγανακτῶ εἰ τοῦτο λυπεῖ σε ‘je m’indigne de voir que cela te chagrine’ n’est autre chose que ‘je m’indigne *de ton chagrin*’”¹.

Aparentemente a utilização das duas conjunções está explicada. No entanto, a questão começa a ficar confusa quando o linguista explica a oração causal, pois diz:

“Le lien entre subordonnée et principale, si lâche quand la causale est introduite par ὅτι et ὡς, peut se resserrer au point que la causale doit être considérée comme faisant fonction de complétive – c’est-à-dire indispensable

¹ *Syntaxe grecque*, Paris, Klincksieck, 2004 (1972 ed. revue et augmentée), § 306.

à l'expression de la pensée principale – après nombre de verbes exprimant *sentiments*, comme l' *admiration*, ou le *ressentiment* (θαυμάζειν, ἄχθεσθαι), l' *envie* (φθονεῖν), l' *indignation* (ἀγανακτεῖν), la *honte* (αἰσχύνεσθαι), etc. Le contenu de ces sentiments est exprimé par la causale, introduite par εἰ 's'il est vrai que, puisque...'².

Lido este parágrafo, perguntamo-nos se afinal se trata de uma oração causal ou de uma completiva.

Na demanda de uma solução, os alunos consultaram outras gramáticas, mas não resolveram o problema satisfatoriamente. Bornemann e Risch nada dizem sobre esta construção³, Smith integra-a nas orações causais⁴ e Goodwin insere θαυμάζω εἰ nas formas peculiares de oração condicional⁵, retomando-a na rubrica da *oratio obliqua*, por causa da possibilidade de nelas ocorrer o optativo oblíquo ou de subordinação na dependência de tempos secundários⁶. Parece-nos, todavia, que, numa frase como ἐθαύμαζε εἰ τις ἀργύριον πράττειτο (Xen., *Memoráveis* 1, 2, 7), a subordinada tem um valor de complemento directo do predicado da oração principal, tanto mais que subordinada e subordinante não são permutáveis, como acontece com a prótase e a apódose no período hipotético ou com uma oração causal em relação à subordinante.

O facto de εἰ poder introduzir interrogativas indirectas⁷, por um lado, e o valor completivo interrogativo de certas orações introduzidas por θαυμάζω, com pronomes e advérbios interrogativos, por outro lado, poderão levar-nos a atribuir esse valor sintáctico à subordinada acima transcrita. Por exemplo a frase ὅμοιοι ἦσαν θαυμάζουσι ὅποι ποτὲ τρέψονται οἱ Ἕλληνες καὶ τί ἐν

² *Ibid.* § 337.

³ *Grieschiche Grammatik*, 2ª ed., Frankfurt a. Main, Verlag Moritz Diesterweg, 1978 (1970).

⁴ *Greek Grammar revised by G. Messing*, Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 1968 (1956), § 2247.

⁵ *Greek Grammar*, London, St. Martin Press, 1983 (1894 new edition), § 1423.

⁶ *Ibid.* § 1502. Mas, apesar de referir a construção quando explica o discurso indirecto, continua sempre a discorrer em termos de prótase e apódose. Convém salientar, de qualquer forma, que o tratamento dado por Goodwin ao discurso indirecto não distingue a completiva conjuncional da completiva interrogativa, como os exemplos deixam claro (cf. § 1487).

⁷ Οὐκ οἶδ' εἰ Χρυσάντα τούτω δῶ (Xen., *Ciropedia* 8, 4, 16); cf. *nescio an.*

νῶ ἔχοιεν ("eram como aqueles que se perguntam admirados para onde os Gregos se voltarão e o que terão em mente", Xen., *Anábase* 3, 5, 13) apresenta duas completivas interrogativas indirectas introduzidas, a primeira, por um advérbio interrogativo de lugar, e a segunda, por um pronome interrogativo.

Como completiva interrogativa indirecta traduziríamos o exemplo de Xenofonte acima transcrito "perguntava admirado se alguém tinha exigido dinheiro" ou o exemplo θαυμάζω δ' ἔγωγε εἰ μηδεὶς ὑμῶν μὴτ' ἐνθυμείται μὴτ' ὀργίζεται (Dem. 4, 43), com que Goodwin exemplifica as "peculiar forms of conditional sentences", como "pergunto-me admirado se nenhum de vós se preocupa com isto nem se irrita". No entanto, o filólogo não as traduz com este matiz interrogativo, porque efectivamente isso trairia o sentido do texto. Repare-se, porém, que às vezes essa possibilidade existe. Uma frase como θαυμάζω δὲ μάλιστα, ὧ ἄνδρες δικασταί, εἰ τις ὑμῶν τὸν Ἀλκιβιάδην ἀξιώσει διὰ μὲν τοὺς βοηθοῦντας σφύζεσθαι ... (Lísias 14, 23) poderá ler-se "muito me admiro, senhores juizes, por algum de vós considerar digno salvar Alcibíades devido aos que o ajudam..." ou "pergunto-me verdadeiramente admirado, senhores juizes, se algum de vós considera digno salvar Alcibíades devido aos que o ajudam...". No entanto, nos dois exemplos anteriormente citados de Xenofonte e de Demóstenes, o valor é completivo sem matiz interrogativo: "admirava-se por alguém ter exigido dinheiro" e "admiro-me por nenhum de vós se preocupar com isto nem se irritar". O outro exemplo que Goodwin considera idêntico ao de Demóstenes apresenta o verbo ἀγανακτέω e remete unicamente para a completiva conjuncional, não havendo a possibilidade de atribuir à frase um matiz interrogativo⁸: ἀγανακτῶ εἰ δὲ νοῶ μὴ οἶός τ' εἶμι εἰπεῖν ("irrito-me por não ser capaz de dizer o que penso", Platão, *Laques* 194 a)⁹. O paralelo deste exemplo com os anteriores leva-nos a optar pela tradução da frase acima transcrita de Lísias como completiva conjuncional.

A possibilidade de verbos como θαυμάζω ou ἀγανακτέω poderem aparecer com ὅτι é referida por Goodwin no parágrafo seguinte, que remete estas subordinadas para as causais¹⁰. Humbert omite esta construção e

⁸ *Ibid.* § 1423.

⁹ Repare-se, uma vez mais, que não se trata de prótase e apódose, já que a subordinada completa sintacticamente a subordinante, não se podendo alterar na tradução a sequência das orações.

¹⁰ *Ibid.* § 1505.

Smith¹¹ e Bornemann e Risch¹² integram-na na oração causal. A ideia de Smith de não distinguir $\theta\alpha\upsilon\mu\acute{\alpha}\zeta\omega$ εἰ de $\theta\alpha\upsilon\mu\acute{\alpha}\zeta\omega$ ὅτι parece-nos uma melhor solução, dada a equivalência sintáctica das duas construções¹³.

Goodwin, apesar de falar em $\theta\alpha\upsilon\mu\acute{\alpha}\zeta\omega$, não apresenta nenhum exemplo com este verbo, mas entre os exemplos da oração causal coloca um em que a conjunção é claramente completiva, exprimindo o verbo da principal uma ideia de censura¹⁴: τὸν Περικλέα ἐκάκιζον ὅτι στρατηγὸς ὢν οὐκ ἐπέξαγοι (Tuc. 2, 21), uma tradução como “censuravam Péricles, porque não os conduzia, apesar de ser general” pode induzir em erro, pois apresenta como complemento directo “Péricles” e a subordinada surge como a razão ou causa da censura, e não como complemento do verbo. Na realidade, o que importa não é o facto de a censura recair sobre Péricles, mas o facto de este não ter realizado uma determinada acção. Assim, ὅτι introduz uma completiva com função de complemento directo de κακίζω, e o acusativo Περικλέα explica-se como um acusativo de antecipação ou proleptico, frequente nas completivas. A tradução que melhor espelha a sintaxe será “censuravam a Péricles o facto de não os conduzir, embora fosse general”.

Idêntico a este exemplo é um outro que Goodwin insere no participio com valor circunstancial¹⁵: τὸν Περικλέα ἐν αἰτίᾳ εἶχον ὡς πείσαντα σφᾶς πολεμεῖν (“culpavam Péricles por os ter persuadido a entrar em guerra”, Tuc. 2, 59). Neste caso o verbo é substituído por uma expressão perifrástica de sentido equivalente a κακίζω: ἐν αἰτίᾳ τινὰ ἔχω. Em vez de ὅτι temos ὡς, que se costuma associar a orações menos objectivas que se enquadram mais no plano da opinião¹⁶, como é o caso do exemplo citado. O uso do participio

¹¹ *Ibid.* § 2248.

¹² *Ibid.* § 274. Os linguistas alemães mencionam o verbo $\theta\alpha\upsilon\mu\acute{\alpha}\zeta\omega$, mas em relação a $\acute{\alpha}\gamma\alpha\nu\alpha\kappa\tau\acute{\epsilon}\omega$ falam apenas da construção com participio (§ 242), a qual, aliás, também associam a verbos de sentimento como $\theta\alpha\upsilon\mu\acute{\alpha}\zeta\omega$ (§ 181).

¹³ Smith utilizou a solução de Kühner e Gerth que apresentam como equivalentes estas duas construções; cf. *Ausführliche Grammatik der griechischen Sprache*, sweiter Teil: Satzlehre, Hannover-Leipzig, 1966 (1898), § 771 anotações 7. Aliás, estes dois linguistas alemães inserem ambas as construções nas orações substantivas. A confusão que se gerou *a posteriori* é que nos parece verdadeiramente surpreendente.

¹⁴ *Ibid.* § 1506.

¹⁵ *Ibid.* § 1574.

¹⁶ Cf. Humbert § 308.

com valor completivo é uma construção típica da língua grega, que em nada contraria a ideia exposta.

A sintaxe latina não deixa dúvidas em relação à proximidade sintáctica que, por vezes, se verifica entre verbos de sentimento e os que exprimem “se fâcher, louer, féliciter, blâmer, remercier, reprocher, accuser”¹⁷. Além disso, a construção completiva com *quod* ou *quia* introduzida por este tipo de verbos permite-nos propor como interpretação sintáctica mais adequada a completiva conjuncional para entender construções do tipo $\theta\alpha\upsilon\mu\acute{\alpha}\zeta\omega$ εἰ/ὅτι, κακίζω ὅτι/ὡς, ἀγανακτέω εἰ/ὅτι.

Sobre a sintaxe da conjunção ὅπως empregue tanto em orações finais como em completivas conjuncionais reflecte-se uma ambivalência sintáctica digna de ser mencionada¹⁸. Não obstante a distância sintáctica entre a língua grega e a nossa, esta ambivalência recorda-nos a formulação em português de frases do tipo “ele pediu-me para fazer isto” e “ele pediu-me que fizesse isto”. Ainda que “fazer isto” seja complemento directo de “ele pediu”, não há dúvida de que a finalidade do pedido era que eu fizesse isto. Os Gregos evitavam esta confusão usando em ambas as situações a mesma conjunção. A questão coloca-se quando queremos classificar as subordinadas e aí os alunos reflectem a dificuldade que advém da formulação “pedir para” e “pedir que”.

Humbert que, no já citado parágrafo, menciona o valor completivo da conjunção e o exemplifica com uma subordinada na dependência de ἐπιμέλω, volta a mencionar este valor deixando claro que, apesar da tentativa, de algumas gramáticas, de associar o conjuntivo à ideia de fim e o indicativo futuro à ideia da completiva, os textos provam a precariedade desta teoria¹⁹. Acrescentaríamos que confirma a impossibilidade de distinguirmos estas orações o próprio facto de, em ambas, ser possível o optativo oblíquo ou de subordinação.

Sendo a conjunção a mesma, a distinção sintáctica faz-se analisando a função da oração subordinada. Se, em ἐπρασσον ὅπως τις βοήθεια ἦξει (“conseguiram que chegasse ajuda”, Tuc. 3, 4) a subordinada completa o

¹⁷ Cf. A. Ernout & Fr. Thomas, *Syntaxe Latine*, Paris, Éditions Klincksieck, 1972 (1951), § 304.

¹⁸ Para Kühner e Gerth a questão não se coloca, pois associam esta conjunção sempre à oração final, considerada como um segundo tipo das orações substantivas; cf. § 772.

¹⁹ § 384; cf. Goodwin § 1362, §§ 1372-1375; Smith §§ 2193-2206 (sobretudo § 2201 e § 2203), § 2211, § 2214; Bornemann e Risch § 270.

sentido de *πράσσω* (cf. *facere ut*), na frase *σιγᾶσθ' ὅπως μὴ πεύσεταιί τις* (“calai-vos, para que ninguém saiba”, *Ésq., Coéforas* 265) a subordinada é final²⁰. Assim, ao dizer-se *ἐπιμέλονται [οἱ γονεῖς] πάντα ποιῶντες ὅπως οἱ παῖδες αὐτοῖς γένωνται ὡς δυνατὸν βέλτιστοι* (“os pais, ao fazerem isto, zelam por que as suas crianças se tornem o melhor possível”, *Xen., Memoráveis* 2, 2, 6), não obstante a finalidade visada pelos pais com a sua actuação, a circunstância de as crianças se tornarem o melhor possível é o objecto do zelo dos pais. A comparação com a sintaxe latina dissipa eventuais dúvidas, pois remete-nos para construções do tipo *facio, curo, hortor... ut*²¹. Diríamos em conclusão que com verbos que exprimem esforço, cuidado, exortação e vontade a conjunção tem valor completo.

ANA ALEXANDRA ALVES DE SOUSA

²⁰ Recordemos de novo a possibilidade de, neste último exemplo, alterar a ordem.

²¹ Cf. Ernout, Thomas § 308.

OS LAÇOS DE FAMÍLIA EM PLUTARCO: DE AMORE PROLIS (496 C-E) ἤ Ο ΑΜΟΡ ΜΑΤΕΡΝΟ (II)

Continuando a apresentar argumentos em defesa da tese de que o afecto dos progenitores, em particular o da mãe, é um sentimento decorrente da *natureza (physis)* humana e não o resultado da imposição de uma *norma (nomos)* social, Plutarco evoca o comportamento das primitivas parturientes ao verem os seus recém-nascidos. Ou seja, depois de atestar com razões de ordem física (da mãe e do bebé) a força natural e suprema do amor materno, trecho por mim considerado no vol. 48 desta revista (pp. 37-41), o autor abona a sua opinião com a autoridade dos Antigos (οἱ παλαιοί).

Momento particularmente sofrido para a mãe, o parto permite-lhe revelar a grandeza de um amor incondicional. Apesar do perigo de vida que corre e das dores lancinantes que a abalam, provocadas pelo acto de trazer ao mundo o ser que carrega no ventre, a mãe de antanho (tal como a de hoje – o paralelo está implícito!) assume gestos inequívocos do afecto que nutre pelo filho. Sorrir, agarrar e beijar o bebé que tantas dores lhe causou para nascer são disso mesmo prova. É caso para dizer que as parturientes conhecem bem o doce amargo do amor. Parir em dor foi, até à recente descoberta da anestesia epidural, condição natural da maternidade. E, quer então quer ao longo de toda a infância da criança, a mãe, sem esperar a retribuição das graças com que o rodeia, não se coibirá de amar o seu filho!

O que Plutarco vem provar é que, para além do sofrimento, natural, a *physis* dotou as mulheres da capacidade de amar de forma absolutamente desinteressada, dando também desse modo mostras daquilo que costuma designar-se por *instinto maternal*.

Texto

Ἐπὶ τοὺς παλαιοὺς ἀνάγαγε τὸν λόγον, ὧν ταῖς μὲν τεκεῖν πρώταις, τοῖς δ' ἰδεῖν συνέβη τικτόμενον βρέφος οὔτε νόμος ἢ ἐκείνοις τεκνοτροφεῖν προστάτων οὔτε προσδοκία χάριτος ἢ τροφείων “ἐπὶ νέοις δανειζομένων”. Χαλεπὰς δὲ μᾶλλον εἶποιμ' ἂν